

A SOCIEDADE  
DA INSEGURANÇA  
E A VIOLÊNCIA  
NA ESCOLA

FLÁVIA SCHILLING

  
summus  
editorial

*A SOCIEDADE DA INSEGURANÇA E A VIOLÊNCIA NA ESCOLA*  
Copyright © 2004, 2014 by Flávia Schilling  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Assistente editorial: **Michelle Neris**  
Coordenação da Coleção Novas  
Arquiteturas Pedagógicas: **Ulisses F. Araújo**  
Capa: **Alberto Mateus**  
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**  
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

### **Summus Editorial**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7<sup>o</sup> andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO . . . . .</b>	<b>11</b>
Nós, os apanhadores no campo de centeio... . . . .	13
<b>1 O CONTEXTO: A SOCIEDADE DA INSEGURANÇA . . .</b>	<b>15</b>
Medos à solta. . . . .	17
A matemática da violência . . . . .	19
Segurança!!! . . . . .	23
Mais alguns números. . . . .	27
Os detentos brasileiros . . . . .	30
Violência e punição . . . . .	31
Em busca do espaço público – Outros significados de segurança e de esperança . . . . .	32

<b>2 A VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE DA INSEGURANÇA . . .</b>	<b>37</b>
Silêncio! A gramática da violência . . . . .	38
A violência é multidimensional . . . . .	39
Violência: definições possíveis . . . . .	42
A violência tem história – A história da violência . . .	44
A violência é falada na linguagem das epidemias – A gramática da violência . . . . .	47
A violência compreendida como fruto da criminalidade .	49
O aumento da população carcerária e da violência . . .	51
O desafio de “ser alguém na vida” – Agressores e vítimas nos crimes urbanos . . . . .	53
Retratos da violência . . . . .	53
A geografia da violência . . . . .	55
E as meninas, onde estão? . . . . .	57
Hannah Arendt: a importância de diferenciar poder de violência . . . . .	60
 <b>3 A VIOLÊNCIA NAS/DAS ESCOLAS: A ESCOLA É O CÉU OU O INFERNO? . . . . .</b>	 <b>63</b>
Afinal, para que serve a escola? História . . . . .	65
Mas a escola é apenas isso? A construção da educação como um direito humano . . . . .	68
A educação na sociedade da insegurança . . . . .	73
Promessas . . . . .	74

Violência na/da escola: algumas observações . . . . .	76
Duas pesquisas sobre o tema . . . . .	77
Pesquisas acadêmicas sobre o tema . . . . .	79
As violências presentes na escola da sociedade da insegurança . . . . .	83
<b>4 AÇÕES POSSÍVEIS . . . . .</b>	<b>95</b>
Desemparedar a palavra – Gramática da não violência . . .	96
Em busca do espaço público – Outros significados de segurança e de esperança . . . . .	98
<b>REFERÊNCIAS . . . . .</b>	<b>103</b>



# APRESENTAÇÃO

Desatar

Reatar

**Nós**

**Neste pequeno livro**, inicialmente publicado em 2004, discutimos a relação entre violência e escola. O mote proposto, nesta Apresentação – “desatar e reatar nós” –, expõe a perspectiva dada ao tema. Tal perspectiva, dez anos depois, ainda é muito pertinente. Trata-se de tentar “desatar” alguns “nós” (amarras) que nos mantêm presos a determinado modo de ver o problema. Porém, afrouxar ou desamarrar nossos “nós” é pouco: o desafio é, com um olhar sóbrio sobre o que nos acontece, tentar o exercício de “reatar” os nós, em todos os sentidos. O sentido de recriar os laços que nos permitam viver juntos (na sociedade, na escola, na cidade) e o sentido de nos criarmos como “nós”, como coletividade que consegue construir narrativas sobre a história que vivemos.

Desejaríamos que os temas abordados neste livro tivessem sido superados. A violência, narrada naquele então, deveria ter cedido. Gostaríamos de ter outras histórias para contar. Mas, infelizmente — mesmo que tenha havido mudanças significativas em algumas áreas, com outras esperanças —, o assunto ainda mantém sua atualidade.

Pela primeira vez em nossa história, lidamos, no Brasil, com nossa face violenta — esse tema permeia a fala das pessoas no cotidiano, aparece de modo espetacular na mídia, perpassa os discursos políticos, provoca ações de políticas públicas, produz pesquisas, debates. A sensação é de que a violência tomou conta do mundo.

Aparentemente, estaríamos vivendo um momento histórico em que encaramos a face violenta da sociedade, com seus preconceitos de classe, de raça, com sua violência estrutural. Há dimensões da violência que deixam de ser invisíveis; há tipos de vitimização coletiva e individual que começam a ser vistos. Verifica-se a existência de conflitos coletivos, sociais e familiares que resultam em respostas violentas. Há um esforço para quebrar o silêncio que envolve essas questões — que não são mais vistas como da vida privada ou secreta, e sim como questões políticas e públicas.

Se há avanços no debate, se começa a haver a desnaturalização de algumas práticas que nem sequer eram vistas como violentas, ainda há um longo caminho a percorrer.

Temos novas leis; esforços nas escolas objetivam uma convivência com igualdade e tolerância; tenta-se mudar as cidades para que estas sejam espaços de encontros e de vida. Mas ainda resta muito a fazer.



## **Nós, apanhadores no campo de centeio...**

Espera-se, nestas páginas, desenvolver sobre o tema um pensamento que nos auxilie a agir como “apanhadores no campo de centeio” que somos (professores, educadores, pais e mães, adultos), superando a sensação de isolamento e de solidão que nos invade nesta contemporaneidade que parece viver em “tempos de cólera”.

Qual será o nosso caminho? A proposta é de um passeio por este mundo em que vivemos, tentando qualificar o “estado do mal-estar” contemporâneo que se reflete nos atos violentos e na percepção da existência de uma violência “que toma conta do mundo”. Seguiremos propondo uma definição de violência e uma primeira aproximação com o conceito. Centraremos nosso debate no Brasil e na violência “na” escola, “da” escola e “contra” a escola. Tal problematização aparece de modo claro e recorrente tanto nas pesquisas como nos estudos teóricos sobre o tema.

Como abordaremos a violência que está na escola, cercaremos o texto com aproximações da história, da geografia, da matemática, da gramática — da violência —, buscando, desse modo, dar conta formalmente das várias dimensões que envolvem nosso problema. Tentaremos, também, narrar um pouco mais sobre as saídas possíveis, sobre as boas práticas que há muito se desenvolvem em escolas que disseram “não” à violência e à injustiça.

.....





# O CONTEXTO: A SOCIEDADE DA INSEGURANÇA

---

*A insegurança, sobretudo, não é um conjunto de fatos, é um modo de gestão da vida coletiva. [...] O sentimento de insegurança não é uma crispação arcaica devida a circunstâncias transitórias. É um modo de gestão dos estados e do planeta para reproduzir e renovar em círculo as próprias circunstâncias que o mantêm.*

JACQUES RANCIÈRE, "O PRINCÍPIO DA INSEGURANÇA"



**ENTRAMOS NO SÉCULO 21** cercados de perplexidades. Vários autores (Wacquant, 2001a; Bauman, 1999, 2000, 2001; Sennett, 2003; Rancière, 2003; Todorov, 1999, e muitos outros) nos ajudam a pensar nos tempos atuais.

O que vemos no mundo? Que a promessa de que o desenvolvimento técnico e científico nos livraria das guerras revela-se falsa. Duvidamos de que possamos dar conta do desafio de conciliar liberdade e segurança. O progresso material parece não tender ao fim da fome e da criação de condições de vida dignas para todos. Assistimos (já conformados?) a guerras que se prolongam no tempo.

Essas observações geram em nós um sentimento brilhantemente descrito por Hannah Arendt (1973, p. 155-56):

É como se estivéssemos sob algum encantamento, que nos permitisse realizar o “impossível” com a condição de não podermos fazer o possível, para realizarmos proezas fantasticamente extraordinárias com a condição de não sermos mais capazes de atender nossas mais banais necessidades diárias.

Os títulos dos trabalhos produzidos contemporaneamente constituem, por si, manifestos: *O mal-estar da pós-modernidade*

(Bauman, 1999), *A corrosão do caráter – As consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo* (Sennett, 2003), *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* (Sousa Santos, 2001). Os “títulos-manifestos” citados – apenas alguns exemplos, que poderíamos multiplicar – sugerem os temas que ocupam os autores: as transformações do mundo do trabalho; as consequências do capitalismo contemporâneo com sua face global em nosso cotidiano; o domínio do tempo presente tornado vertigem, “instantaneidade”; a dificuldade que isso traz para a construção de histórias, para a construção da ideia de “experiência”. “Tudo é fugaz”, foge, escapa entre os dedos. Estaríamos mergulhados na “modernidade líquida” (Bauman, 2001).

### **Medos à solta**

Vários autores discutem a contemporaneidade acontecendo sob o signo da incerteza, da quebra de garantias e da insegurança. Recuperaremos, nesta seção, algumas reflexões sobre o tema, com base em obras já citadas de Zygmunt Bauman.

Esse autor define (2000, p. 25) três elementos como condições para a autoconfiança de que depende a capacidade de pensar e agir racionalmente: a segurança, a certeza e a existência de garantias.

**SEGURANÇA.** O que quer que tenhamos ganhado e conquistado continuará em nosso poder; o que foi alcançado manterá seu valor como fonte de orgulho e respeito; o mundo é estável, confiável e, assim, os seus padrões do que é adequado, os hábitos adquiridos para a ação eficaz e as atitudes aprendidas para enfrentar os desafios da vida.